

O LIVRO “LARANJA MECÂNICA” DE ANTHONY BURGESS: A CULPA DA (ULTRA)VIOLÊNCIA É DE QUEM?

ANTHONY BURGESS'S BOOK “A CHANGE ORANGE”: WHOSE FAULT IS (ULTRA)VIOLENCE?

Mateus Magalhães da Silva¹

Marília Rulli Stefanini²

RESUMO

Este artigo aborda o livro e filme "Laranja Mecânica", de Anthony Burgess, que critica a (ultra)violência e a “perda” da moralidade social na década de 70, na Inglaterra. A história retrata gangues de adolescentes que cometeram diversos tipos de infrações, enquanto o Estado falha em intervir. O objetivo é apresentar as facetas críticas da presente obra e analisar a problemática da (ultra)violência e da desigualdade social por meio da perspectiva criminológica crítica e dos direitos humanos. A metodologia utilizada foi pesquisa histórico-cultural com revisão bibliográfica para compreender a realidade vivenciada pelo autor na época e para fornecer uma análise crítica do enredo. Destaca-se a presença da (ultra)violência em todas as sociedades de forma atemporal e a hipocrisia ao condenar apenas adolescentes enquanto autores dessa prática. A desigualdade social é retratada pela discrepância entre as classes favorecidas e a classe operária. A obra questiona a falta de intervenção estatal e a circularidade sistêmica das infrações. Conclui-se que entender o contexto histórico e as questões abordadas pela obra é essencial para compreender o propósito de Burgess. Destaca-se a necessidade de reflexão sobre as diversas formas de (ultra)violência e seus propulsores, bem como a busca por soluções para minimizar seus efeitos negativos, especialmente o uso de drogas (i)lícitas na adolescência.

Palavras-chave: Laranja mecânica. (Ultra)violência. Desigualdade social. Criminologia crítica. Direitos humanos.

ABSTRACT

This article discusses the book and film "A Clockwork Orange", by Anthony Burgess, which criticizes (ultra) violence and the "loss" of social morality in the 1970s in England. The story portrays gangs of teenagers who commit various types of infractions, while the state fails to intervene. The objective is to present the critical facets of this work and analyze the problem of (ultra) violence and social inequality through the critical criminological perspective and human rights. The methodology used was historical-cultural research with a bibliographic review to

¹Graduando em Direito pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Paranaíba. Endereço de e-mail: magalhaesmateus3@gmail.com. Link do currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2588987581898165>.

²Estágio pós-doutoral em Direitos Humanos e Democracia pelo "Ius Gentium Conimbrigae" (IGC) na Faculdade de Direito, Universidade de Coimbra (FD-UC), Portugal (2021-2022). Doutora em Direito pela PUC-SP (2017-2021). Docente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Unidade Universitária de Coxim-MS. E-mail: mariliastefanini@yahoo.com.br. Link do Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/2076890399249480>.

understand the reality experienced by the author at the time and to provide a critical analysis of the plot. The presence of (ultra) violence in all societies in a timeless way and the hypocrisy in condemning only adolescents as authors of this practice are highlighted. Social inequality is portrayed by the discrepancy between the favored classes and the working class. The work questions the lack of state intervention and the systemic circularity of infractions. It is concluded that understanding the historical context and the issues addressed by the work is essential to understanding Burgess's purpose. The need for reflection on the various forms of (ultra) violence and their drivers is highlighted, as well as the search for solutions to minimize its negative effects, especially the use of (il)licit drugs in adolescence.

Keywords: Clockwork orange. Violence. Social inequality. Critical criminology. Human rights.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade apresentar algumas facetas do livro e filme intitulado de “Laranja Mecânica” no que tange às duras críticas de Anthony Burgess por meio de sua literatura. A história se baseia na década de 70, na Inglaterra, em que o Estado e a sociedade colocavam culpa na ‘delinquência’ juvenil em razão do aumento de (ultra)violência e perda da moralidade social dos adolescentes.

A par disso, a narrativa está relacionada com gangues (termo utilizado pela obra, e por isso mantido neste artigo, mesmo que para o direito brasileiro não exista mais) de adolescentes que se aliam para a prática de diversos tipos de infrações, como, por exemplo: estupro; roubo; invasão de domicílio; uso de drogas etc.; nesse sentido, os adolescentes tomam leite com álcool a fim de enveredarem-se pelas noitadas com o fito de praticarem diversas infrações violentas na sociedade. Diante disso, era preciso haver intervenção estatal com o objetivo de prendê-los, o que não acontece no início da narrativa.

Destarte, a desigualdade entre pessoas nessa narrativa também é presente, pois é possível perceber a alta tecnologia das classes mais favorecidas economicamente e a dura realidade dos prédios onde mora a classe operária que se amontoa, como a família de Alex, personagem principal, a exemplo, o elevador que não funcionava; os corredores cheios de sujeiras; a opressão do Estado ao dirigir-se à casa de Alex; o uso de drogas pela gangue de Alex, ainda que em relação a menores de idade, tanto para diversão quanto para fugirem da realidade em que experienciavam.

Assim sendo, há um propósito de o prenome do líder do grupo ser “Alex”, pois além de ser um anagrama de Alexandre o Grande, significa em latim “sem lei”. Este adolescente é

guiado por seus instintos e interesses, sem qualquer prevalência de valores morais ou consciência de seus atos. No entanto, Burgess deseja informar ao leitor que a violência é atemporal, pois existe em todas as sociedades de todos os tempos, e, nesse ínterim, como estratégia política, os adolescentes viraram alvos de uma sociedade que se choca ao verem (ultra)violência, mas é a mesma que também pratica violência quando tem oportunidade.

Por conseguinte, são várias as questões que ocorrem no enredo deste romance criado por Burgess que precisam ser analisadas na perspectiva criminológica crítica, pois são infrações em decorrência de infrações de forma circular e sistêmica. Não entender o antes, durante e depois acerca do assunto é desconsiderar o próprio propósito de Burgess com a sua obra *Laranja Mecânica*.

Ressalta-se, ainda, que a metodologia utilizada para a redação deste texto foi a de pesquisa histórico-cultural com revisão bibliográfica, donde se objetiva a compreensão da problemática e realidade social vivenciada da época pelo autor, sendo necessário suscitar o pensar acerca do assunto com a criminologia crítica na perspectiva dos direitos humanos.

Por fim, elucida-se que este artigo está estruturado em cinco seções, incluindo-se a introdução. Na segunda seção há breves relatos iniciais acerca da obra “*Laranja Mecânica*” com a finalidade de o(a) leitor(a) entender o enredo da história (ou estória). Já na terceira seção faz-se certa reflexão crítica e histórico-cultural sobre o problema da (ultra)violência e quem realmente a promove. Por fim, são apresentadas as considerações finais com a oportunidade de refletir com base nos autores de como tem sido prejudicial pensar que o problema da (ultra)violência é apenas produto da adolescência, bem como o que pode ser realizado para sua minimização, senão solução de efeitos negativos quanto ao uso de drogas (i)lícitas na fase da adolescência, e as referências utilizadas para a elaboração do artigo.

1 BREVES CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A OBRA LARANJA MECÂNICA

Preliminarmente, cumpre salientar que a obra intitulada de “*Laranja Mecânica*” trata-se da simbolização da (ultra)violência possível em todos os laços sociais do passado, presente e futuro de qualquer sociedade. O autor da obra, Anthony Burgess, percebeu isso no momento que foi depositada toda a culpa apenas na delinquência juvenil enquanto promotora da (ultra)violência que ocorria na Inglaterra nos anos 70.

Destaca-se que utilizamos entre parênteses a terminologia “ultraviolência”, pois tanto no filme como no livro em análise o autor oportuniza, para quem assiste ou realiza a leitura da *Revista Jurídica Direito & Realidade*, v.11, n.15, p.124-139/2023

obra, que o ser humano receptor da mensagem será capaz, de acordo com seus princípios e formação, de diagnosticar o que é violência nas cenas da narrativa das duas gangues juvenis da história (Burgess, 2004).

A obra de Laranja Mecânica, dividida entre sete capítulos, faz analogia as cenas teatrais de Shakespeare acerca das sete idades do ser humano em sua peça clássica chamada: *as you it* (como você é). A intenção do autor é a de apresentar, por meio do personagem Alex, sua gangue e a gangue inimiga; o transcorrer da trajetória dos adolescentes, que pode ser nada inocente, mas rebelde até a maturidade da vida adulta; bem como, expõe a possibilidade de “resgate” do adolescente “perdido” para as drogas, por meio da ilustração do sujeito tomando cafés e revendo os amigos de infância (Burgess, 2004).

Portanto, a compreensão das responsabilidades adultas ocorria naturalmente, o que pode ser observado apenas no 21º (vigésimo primeiro) capítulo, como forma simbólica à cultura anglo-americana, local em que a idade adulta acontecia quando se atingiria aos vinte e um anos de idade. Logo, o livro Laranja Mecânica, pensado pelo autor, apresenta-se como um romance que deseja pôr holofote à formação do adolescente até a idade adulta (Burgess, 2004).

Nessa esteira de pensamento, a desigualdade entre pessoas nessa narrativa também é presente, pois é possível perceber a alta tecnologia das classes mais favorecidas economicamente em choque com a realidade dos prédios onde mora a classe operária que se amontoa, como é o caso da família do personagem Alex (Burgess, 2004).

No que tange ao Estado, a opressão é muito presente sobre os adolescentes, momento principal em que o agente correcional aparece na casa de Alex. Além disso, o uso de drogas pela gangue de Alex, ainda que por menores de idade, é um dos estímulos para a prática de (ultra)violências, diversão e válvula de escape da realidade a qual estão (Burgess, 2004).

À guisa de demonstração, o prenome “Alex”, além de ser um anagrama de Alexandre o Grande, significa em latim “sem lei”. Assim, a ideia do autor é demonstrar que é um adolescente guiado pelos seus instintos e interesses, sem qualquer moral ou consciência de seus atos (Burgess, 2004).

Por conseguinte, o personagem Alex, em atitudes antidemocráticas, lidera o seu grupo de comparsas, chamados de druguis/amigos, para a prática de atos ilícitos. Ingerem o leite com álcool e vão para as noitadas subverter regras da sociedade e do Estado. Praticam inúmeras atrocidades, tais como: i) roubos; ii) furtos; iii) estupros; e iv) homicídios. Diante de tais comportamentos, é preciso a intervenção estatal como uma resposta corretiva e dominadora no sentido de amedrontar por meio da punitividade (Burgess, 2004).

Dessa forma, tem-se a utópica ideia da pena pedagógica, ou seja, a pena tem função especial para os personagens e sociedade de modo geral, sendo que se apresenta a ideia de que caso haja prática dos mesmos crimes novamente, o poder de fúria do Leviatã se inflamará (Leal, 2013).

Seguindo esse contexto, a primeira noite de prática infracionais dos personagens, após tomarem leite com álcool, é relatada debaixo de certa ponte, situada em uma rodovia, contra um idoso morador de rua. A gangue estava com pedaços de madeiras nas mãos e munidos com a intenção de fazer um “horror show” ou espancar a vítima idosa. Após ser surpreendido por Alex e seus comparsas, o idoso esbravejava que o mundo não é mais como era antigamente, e por isso é fedido o mundo da década de 70. Alex, conseqüentemente, perguntou a ele, antes iniciar o espancamento, o motivo de ser “fedido” o mundo da juventude de Alex, donde o idoso respondeu: “É um mundo fedido porque ele deixa os jovens baterem nos velhos como vocês fizeram, e não existe mais lei nem ordem” (Burgess, 2004, p. 16). O espancamento repetiu-se, também, ao final da narrativa literária, contudo, será que foi o Alex e sua gangue que bateu no idoso novamente? (Burgess, 2004).

Logo em seguida, os personagens foram de carro à casa de um casal praticar, novamente, a (ultra)violência. Apertaram a campainha fingindo estarem precisando de ajuda, e quando a esposa do escritor abriu a porta, eles conseguiram invadir a casa. Alex entendia que o esposo da moça, que fora estuprada, era inteligente e escritor de verdade e não apenas um leitor, pois eles tinham se deparado, na rua, com um moço, antes de chegar à casa do casal, com livros nas mãos se comportando como um leitor. Por fim, as indignações verbais do escritor em desfavor de Alex e sua gangue não resolveram as práticas violentas, o que resultou, também, em espancamento e conseqüente morte da esposa estuprada (Burgess, 2004).

Em decorrência disso, tem-se que o personagem Alex nos traz uma reflexão interessante de ser analisada quando estava jogando os livros do escritor para o alto e quebrando todo o seu escritório (Burgess, 2004). Vejamos:

[...] esse negócio de ficar roendo as unhas dos dedos do pé sobre qual é a causa da maldade é que me torna um maltchik/garoto risonho. Eles não procuram saber qual a causa da bondade, então por que ir à outra loja? [...] eles lá do governo e os juízes e as escolas não conseguem permitir o mau porque não conseguem permitir o eu (Burgess, 2004, p. 42).

A crítica de Alex é interessante de se analisar, pois ele deseja mostrar que a adolescência é cheia de rebeldia e que segue instintos e vontades sem pensar nas conseqüências; enquanto

que os adultos, o governo, juízes e escolas, por outro lado, devem atuar com a racionalidade e as leis, de forma a entender a fase da adolescência que não é encarada com facilidade. Nesse sentido, o binômio maldade-bondade é questionado por Alex, pois só querem entender o que faz mal, mas não querem entender o que faz o adolescente ser “mau” ou “bom” (Burgess, 2004).

Nesse diapasão, após o enfraquecimento do poder autoritário de Alex em relação à sua gangue, o protagonista é traído na tentativa de assalto numa casa no deserto em que a proprietária possuía muitos gatos. Preso, o Governo, por meio de um político intitulado de Ministro do Interior, deseja criar uma nova forma de prisão para os criminosos, e não mais o tradicional, pois percebeu que este é falido (Burgess, 2004). Senão vejamos:

O Governo não pode se preocupar mais com teorias penológicas datadas. Empilhe os criminosos juntos e veja o que acontece. Você obtém criminalidade concentrada, crime no meio do castigo. Daqui a pouco vamos precisar de todo o espaço penitenciário que temos para agressores políticos. Criminosos comuns como esta patuléia medíocre – (isto significava eu mesmo, irmãos, assim como os outros, que eram verdadeiros prestupniks e traiçoeiros ainda por cima) - podem ser tratados melhor de uma forma puramente curativa. Mate o reflexo criminoso, e pronto. Implementação total em um ano. O castigo nada significa para eles, como você pode constatar. Eles desfrutam de seu dito castigo. Começam a matar uns aos outros (Burgess, 2004, p. 93-94).

Percebe-se uma nova proposta pelo Ministro do Governo que desejou com o novo método, chamado de Ludovico, que passaria por testes, acabar com o instinto de criminoso das pessoas que cometem crimes, a fim de não precisar mais de cadeias tradicionais. Todavia, a que ponto isso seria permitido pelo Estado, pois traria sofrimento psíquico e traumas após o tratamento Ludovico dos criminosos, como ocorre na narrativa com o personagem Alex. Além disso, referida passagem demonstra o fracasso do próprio Estado com mais de quatrocentos anos de sistema prisional tradicional, o que não trouxe nenhum benefício para o infrator e sociedade (Burgess, 2004).

Alex, então, passou a frequentar as missas do Chapelão no sistema prisional, apresentando um bom comportamento carcerário, e, ao expor o método Ludovico para o padre, pediu para ser indicado como cobaia. O sacerdote, por sua vez, afirmou tentar, mas apontou ter dúvidas sobre o método, ou seja, se realmente era possível transformar a pessoa em um ser “bom” mesmo. Caso acontecesse isso, transformaria os infratores em pessoas “boas”, e não seriam mais números, como acontece no sistema prisional tradicional. Assim, não existira mais a vontade dos sujeitos em cometerem a (ultra)violência contra a sociedade e, com isso, se atingiria a paz social (Burgess, 2004).

Nesse sentido, vejamos a conversa do Chapelão com o personagem Alex:

Espero que sua mente esteja absolutamente clara a respeito disso. – Eu disse: Ah, será bom ser bom, senhor. Mas por dentro eu estava smekando/gargalhando muito horrorsow, irmãos. Ele disse: pode não ser bom ser bom, pequeno 6655321. Ser bom pode ser horrível. Será que Deus quer insensibilidade ou escolha da bondade? Será que um homem/pessoa que escolhe o mal é talvez melhor do que um homem que teve o bem imposto a si? (Burgess, 2004, p. 97).

Neste giro, Alex tinha pedido ao Chapelão a indicação para que fosse a cobaia do tratamento Ludovico do Ministro de Estado, assim ele poderia sair do presídio antes do tempo previsto de pena. O Chapelão disse que se no futuro Alex, depois do tratamento, se sentisse arrependido por ter perdido seus instintos, que não era para ficar com raiva do Chapelão, pois o pedido dele estava sendo atendido, já que estava sendo um bom servo de Deus no presídio, e que iria chamar o Ministro do Estado que estava com a proposta para ir ao presídio onde ele estava (Burgess, 2004).

O tratamento Ludovico, que é um método de condicionamento associado a práticas subhumanas para que a pessoa adquira traumas de atos (ultra)violentos, é, para os proponentes do Estado, um método educacional muito antigo no mundo e considerado eficaz para a paz do Estado. Ao término do tratamento com a cobaia foi apresentado, como teste, num palco para os representantes do Estado, o personagem Alex indefeso (Burgess, 2004) Vejamos:

Neste palco, cavalheiros, apresentamos a cobaia. Ele está, como vocês irão perceber, em forma e bem alimentado. Está vindo diretamente de uma noite de sono e um bom desjejum, sem drogas e sem hipnose. Amanhã o mandaremos confiantes para o mundo exterior novamente, um rapaz tão decente quanto qualquer um que vocês encontrassem numa manhã de maio, inclinado a dizer palavras gentis e ser solitário às pessoas (Burgess, 2004, p. 124).

Alex no palco foi testado de todas as maneiras. Havia uma pessoa que o xingava, o cuspiu, além de ter aparecido uma moça bonita sem roupas, no intuito provocativo do indivíduo, porém Alex não esboçou qualquer reação agressiva, apenas tinha sensação de vômito, pois o tratamento Ludovico o fez sentir “nojo” de (ultra)violência. Inenarravelmente, no texto original da obra tem-se:

Ele me disse, muito debochado: - oi, monte de lixo. Cacete, pelo seu cheiro horrível, tu não tomas banho não, é? Me deu uma unhada no nariz que doeu. Então eu disse: por que está fazendo isso comigo? Eu nunca lhe fiz nada de mal, irmão. Por favor, eu preciso fazer alguma coisa. Quer que eu limpe suas botas? Olhe, eu me abaixo e lambo. Então eu fiz isso e ele teve uma surpresa muito bolshi/grande, caindo crac no meio de muita gargalhada da plateia (Burgess, 2004, p. 125-127).

Alex não sendo mais capaz de fazer escolhas, tornou-se um sujeito indefeso da sociedade, a qual era tão violento quando jovem, seguindo os próprios instintos e vontades, donde deixou de ter oportunidade de entender o que é (i)moral na sociedade em que vive por causa do tratamento (Burgess, 2004).

A par disso, o Ministro do Interior esclareceu que não estava preocupado com isso, mas em reduzir crimes e superlotação nos presídios. Alex, assustado, indagou: “E eu? Onde é que eu entro nisso tudo? Será que eu sou apenas uma espécie de animal ou cão? Então eu krikei/gritei mais alto, ainda krikando: será que eu serei apenas uma laranja mecânica?” (Burgess, 2004, p. 128).

Nesse diapasão, Alex, de criminoso, virou vítima da sociedade. Seria o prato da vingança? Na página da gazeta estava a foto do jovem Alex aparentando um sujeito desprovido de humor e com medo, sendo que como título da foto estava: “o primeiro formado do novo Instituto Estadual para Recuperação de Tipos Criminais”. Informava-se que Alex estava definitivamente curado dos instintos criminosos em quinze dias de tratamento, sendo que havia se transformado em um cidadão de bem e que temia à lei e à ordem (Burgess, 2004).

Ademais, o personagem Alex mal sabia que estava sendo usado pelo Ministro Interior de Estado como estratégia política para atingir a reeleição de mandato. O fato de o Ministro dirigir-se ao hospital e fotografar-se com Alex simboliza que o Estado, por meio de seus agentes políticos, promove a (ultra)violência, como também pacífica a violência com soluções políticas. A troca de sistema de presídio antigo para um novo demonstra que o próprio Estado fracassou com o seu sistema instituído há séculos (Burgess, 2004).

Se não bastasse, quando o jovem Alex chegou à sua casa deparou-se com uma pessoa morando na casa de sua mãe e pai, senão vejamos:

Quem é você, amigo? Onde você conseguiu essa chave? Fora, antes que eu soque essa sua cara. Vá lá para fora e bata antes de entrar. Explique o que você quer, rápido. Mas aí mama disse: ai, você fugiu. Você escapou. O que é que vamos fazer? A polícia virá aqui, ai ai ai. Ai, seu garoto mau, desgraçando nós todos assim (Burgess, 2004, p. 135).

Referida passagem demonstra que o protagonista já não possuía mais lugar naquela casa, pois fora substituído facilmente por uma pessoa aleatória, sendo que os próprios pais acreditavam em sua fuga, assim como na maldição atemporal do filho, ainda que cumprisse o tempo que deveria no sistema carcerário. Neste momento questiona-se: apenas o adolescente que é “mau”, rebelde e age (ultra)violentamente, seguindo seus instintos, ou todo sujeito tem

dentro de si instintos que podem ser (ultra)violentos também? Vejamos outro exemplo de violência estruturalmente socializada:

Eu nunca me esqueço de uma forma, por Deus. Nunca me esqueço da forma de nada. Por Deus, seu suíno, agora eu te peguei (BURGESS, 2004, p. 144). Ele krikou – Aqui, no meio de nós e em nossas mãos. Ele e seus amigos me bateram, me chutaram e me pisotearam. Arrancaram a minha roupa e meus dentes. Riram do meu sangue e dos meus gemidos. Me mandaram aos pontapés para casa, tonto e nu. Nem tudo aquilo era verdade, como vocês sabem, irmãos. Ele estava com as calças, não tinha ficado completamente nagoi (Burgess, 2004, p. 145).

Lembra-se do idoso que no início dessa narrativa foi (ultra)violentado por Alex e sua antiga gangue? Pois é, após Alex ser “curado” pelo método Ludovico, ocorre um reencontro entre ambos, e o idoso ao reconhecê-lo, à beira-rio perto da ponte, desejou se vingar de Alex que agora, após o tratamento Ludovico, estava indefeso e tornando-se vítima da sociedade que tanto colocava o problema da (ultra)violência nos adolescentes/jovens. Na passagem do livro, tem-se que:

Eu krikei/gritei de volta: isso foi há dois anos. Já fui castigado desde então. Aprendi a lição. Veja aí: minha foto está nos jornais. Não o deixem sair. Vamos todos ensinar a esse porco assassino o que é castigo. Peguem ele. Matem, pisem, assassinem, chutem os dentes dele. Era a velhice descontando na juventude, era o que isso era (Burgess, 2004, p. 145-146).

Com a chegada dos policiais para não permitirem um possível homicídio, o Estado, por meio da segurança pública, adotou posturas “ultraviolenta”, ao passo que espancaram o idoso com chicotes e disseram: “[...] pronto, seus malandros. Isso deve ensinar vocês a pararem de fazer baderna e violar a Paz do Estado, seus vilões” (Burgess, 2004, p. 147). Derradeiramente, os policiais que estavam agredindo os idosos, e que iriam em seguida agredir também Alex, eram antigos amigos e inimigos de infância do protagonista, ou seja, também praticavam (ultra)violência nas “noitadas”, conforme elucidada o trecho a seguir:

O mais velho disse: [...] ora ora. Se não é o bom e velho Alex. Há quanto tempo não te videio, drugui/amigo. Como vai? [...] era o então gordo velho Billyboy, meu velho inimigo. O outro era, claro, o Tosko, que costumava ser meu drugui e inimigo do bode gordo e fedorento do Billyboy, mas era agora um miliquinha/policial com uniforme e shlemi/capacete e chicote para manter a ordem. Eu disse: Ah, não (Burgess, 2004, p. 147-148).

Por fim, destaca-se que os antigos amigos e inimigos de Alex disseram que já estavam na idade de arrumarem um emprego e, por isso, resolveram trabalhar na polícia, a fim de manter

a ordem na cidade com chicotadas, caso fosse preciso. Assim, um dos policiais alertou que garotos nunca mudam e que não era necessário levar Alex à velha delegacia. Posteriormente, Alex refutou o argumento afirmando que não havia feito nada de desabonador, já que fora vítima da fúria dos idosos, com a finalidade de se vingarem da época em que ele e seus amigos de infância (tais policiais) agrediram fisicamente o idoso debaixo da mesma ponte. Entretanto, os policiais, legitimamente representando o Estado, não quiseram ouvi-lo, já que a fala remetia ao passado de todos, e, em razão disso, dirigiram-se ao deserto a fim de praticarem “ultraviolência” contra Alex (Burgess, 2004).

2 COMPREENSÃO CRÍTICA DE LARANJA MECÂNICA

Ressalta-se que nesta segunda seção buscar-se-á compreender, com ajuda de outras referências bibliográficas, o que Anthony Burgess propôs com a obra “Laranja Mecânica”, de modo a entender o máximo de detalhes possíveis dispostos para o leitor.

Burgess demonstrou que existe um Estado autoritário e que deseja arduamente controlar seus cidadãos e cidadãs com base em medos, o que coloca como problema, na década de 70, na Inglaterra, a “delinquência” juvenil.

Neste período havia uma mudança de tempos, do passado que era uma experiência real na primeira metade do século XX, ao presente com o pós-guerra, e o futuro que era uma visão reduzida de expectativas de uma sociedade entendida como pós-moderna (Pereira, 2019).

Interessante analisar que o autor Burgess, de Laranja Mecânica, restou-se:

Impressionado com o surgimento de gangues de adolescentes de origem operária, que disputavam seu espaço nas ruas e influências na música e na moda da época, Burgess se inspirou em dois grupos rivais específicos, os Mods e os Rockers, para caracterizar seu anti-herói e a gangue da qual era líder. Ao investigar os subgrupos de jovens no pós-guerra [...] apesar de manterem diferenças em termos de modo de se vestir, atividades e estilo de vida, esses subgrupos estão circunscritos a uma mesma base cultural proveniente do operariado inglês [...]. Naquele contexto, o surgimento dessas subculturas expressava as mudanças sociais ocorridas no pós-guerra, e representava um problema social que colocava a juventude no centro da questão. [...] o problema da delinquência juvenil cresceu a ponto de criar um debate sobre a crise de autoridade moral [...] (Pereira, 2019, p. 43-44).

Neste giro, com a visibilidade de pessoas marginalizadas, bem como a postura do Estado em pontuar a “delinquência” juvenil como um problema de autoridade moral, a liberdade de escolha de Alex fora considerada menos importante diante da segurança e ordem da sociedade para o Estado autoritário, que era representado pelo Ministro do Interior. Alex, quando preso,

deixou de ter seu nome, para ser apenas uma numeração, isso “[...] é uma clara referência a esse processo de desumanização do preso [...] experiência real quando os judeus tiveram seus nomes substituídos por números nos campos de concentração nazistas, durante a 2ª Guerra Mundial” (Pereira, 2019, p. 54).

Se não bastasse, o personagem Alex, ao longo da narrativa, evidenciou seus pensamentos, sua rebeldia e vontade de praticar (ultra)violência quando possuía apenas quinze anos de idade. Ao final da obra o protagonista conta com dezoito anos, sendo que autor enalteceu no enredo, sempre, os axiomas do presente, do passado, por meio de suas aventuras quando era adolescente, assim como os modos de ser e agir após o tratamento Ludovico. Na última fase apresentada sobre o personagem principal, demonstrou-se um repensar de atitudes, donde Alex se colocou aberto às possibilidades do futuro, entendendo que tudo seria uma fase, assim como foi a sua de rebeldia (Pereira, 2019).

Tem-se que o Estado, ao adotar e implantar o novo método Ludovico, estava retirando de seus cidadãos e cidadãs o direito fundamental estabelecido como liberdade de escolha e decisão sobre a sua vida em sociedade. Transformou-se, assim, Alex e outros infratores em seres controlados como uma Laranja Mecânica, que somente reagem às respostas às quais são condicionadas, sem possibilidades de reflexões sobre suas próprias ações (Pereira, 2019).

Sob essa perspectiva, Burgess, desde o início da obra Laranja Mecânica, por meio do personagem Alex e seus amigos, realizou uma pergunta fundamental no intuito de levar o leitor à compreensão sobre liberdade de escolha, pois:

O recurso ao uso de uma mesma frase, que acabou se tornando icônica, que marca o início de cada uma das três partes que dividem a obra, “então, o que é que vai ser, hein?”, funciona como um dispositivo estruturante por meio da repetição, trazendo o tema principal na repetição, que é a escolha. A frase abre o capítulo 1 na primeira parte, e Alex a usa se dirigindo a seus amigos membros da gangue, perguntando que tipo de “diversão” vão escolher naquela noite. A segunda parte, já se inicia com Alex na prisão estatal - e já havia passado dois anos de encarceramento -, o simbolismo da frase significa o retorno da temática da escolha; mas agora a escolha que é abordada nas cenas da prisão, do questionamento colocado pelo capelão: a capacidade humana de poder escolher fazer o bem ou o mal. Já na terceira parte, Alex direciona a pergunta a ele mesmo, após seu condicionamento e saída da prisão estatal (Pereira, 2019, p. 65).

Tem-se que ao final do livro Laranja Mecânica, em sua versão original, o autor destacou a fase adulta de Alex aprendendo a desgostar de seu antigo estilo de vida, o que faz pensar que a (ultra)violência seria uma fase de sua vida, a qual fora substituída por uma vida de marido,

pai e repleto de amor. Se Alex era uma laranja podre ou mecânica, passou a ser algo mais próximo da doçura humana decente e civilizada (Pereira, 2019).

Segundo a compreensão realizada da obra, a (ultra)violência sempre esteve e sempre estará presente em todas as sociedades, no entanto, sua ocorrência dependerá de quem e do que se entende sobre o sujeito (ultra)violento. Ou seja, a (ultra)violência refletida na obra “Laranja Mecânica” não provém apenas dos adolescentes, mas de todas as castas sociais, bem como do próprio Estado, que cria, mas também propõe soluções:

Embora seu protagonista seja apresentado desde o plano inicial como um delinquente violento, cínico e incorrigível, os agentes da lei e da ordem responsáveis por seu confinamento e posterior tratamento não são menos criminosos: A Laranja Mecânica traça um quadro sombrio da sociedade de princípios do século XXI, um quadro em que a violência permeia todas as relações sociais, de alto a baixo. A referência ao nazismo tampouco é fortuita: a violência d'A Laranja Mecânica é conscientemente patrocinada pelo estado, de forma que o seu controle é também sua promoção (Capeller, 2004, p. 2).

Em razão disso, a narrativa da obra desejou apresentar ao leitor uma sociedade em que não existe disciplina por quem vive nela, sejam jovens, sejam idosos. O âmbito familiar fora apresentado como impotente, como, por exemplo, no caso do pai e mãe de Alex que não conseguiram estabelecer regramentos sociais e individuais para o filho.

Destarte, o convívio em sociedade é (ultra)violento e inseguro, pois não se respeitam as normas de convívios social e jurídicas, e, além disso, as formas e mecanismos de coerção do Estado não funcionam adequadamente, o que faz emergir a necessidade latente de alteração e substituição por métodos que possam controlar o comportamento de cidadãos e cidadãs, pois no sistema prisional tradicional acontecem crimes de forma concentrada. (Capeller, 2004).

O Estado é visto como uma instituição totalmente desconexa dos anseios sociais, pois contém um discurso demagógico para desorientação e manipulação da população. Mais que isso, o Estado reconheceu, na obra, que perdeu o controle diante da (ultra)violência e uso de substâncias (i)lícitas, com as propostas do Ministro do Interior:

O filme mostra o abandono das cidades, as ruas sempre sujas, os moradores de rua presentes, uma situação propícia para a violência. Alex a pratica em todas as suas nuances, desde espancamento a mendigos até estupro e assassinato. É traído por seus companheiros e levado à prisão, que é a mão do Estado e onde há disciplina rígida e controle. A descrever o cotidiano do sistema prisional idealizado, Kubrick destaca o papel da religião na tentativa de ressocialização dos presos (Xarez; Cavalcanti, 2020, p. 4).

Deste modo, é possível visualizar melhor no filme de Laranja Mecânica, que a palavra ultraviolência é usada antes mesmo de a mesma acontecer concretamente, por exemplo, a briga que ocorreu entre as duas gangues no palco do teatro desejou transmitir a mensagem de que quem assiste é a plateia, e é esta quem vai dizer, com base nos próprios princípios morais, éticos, filosóficos e religiosos, etc., o que é violência, bem como seu grau, violência ou ultraviolência. Por conseguinte, quando Alex retirou a bola de sua saqueira e colocou-a na boca da vítima a ser estuprada, tem-se a evidência do símbolo silenciador da fala, o que torna translucido o fato de que a (ultra)violência pode ser silenciosa também, sem qualquer barulho ou alarde (Saçashima, 2007).

Além disso, quando o protagonista se encontrava no presídio lendo a Bíblia, ocorria uma interpretação sempre de forma pervertida com ênfase na (ultra)violência, isso nos mostra que podem existir outras maneiras de interpretar o livro sagrado, e não apenas como é tradicionalmente interpretado em sociedade. Logo, o personagem Alex apresentou uma imagem de Cristo que não é mostrado pelas igrejas, desejando, com isso, desarticular o discurso de poder tradicional das igrejas e revelar o que se apresenta para ele como algo interdito. Nesse sentido, todos os rituais em sociedade são formados há séculos e as pessoas os seguem, pois (Saçashima, 2007, p. 96):

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (Foucault, 2004, p. 9).

Quando Alex retorna à casa onde morava com o pai e mãe, após o tratamento Ludovico, e se depara com um rapaz que alugou o seu quarto e falava das atitudes de adolescência que o jovem Alex tinha até ser preso, ele chora por entender o real sofrimento da família por causa das atitudes que ele aos 15 anos. Isso mostra uma pessoa com moral e que tem os valores que a sociedade tanto deseja(va) de um indivíduo. A exemplo, quando Alex tenta bater em Joe é fracassado, isso remete as imagens de uma moral cristã, disposto a apanhar e não cometer (ultra)violência (Saçashima, 2007).

Nesse sentido, importante mencionar para melhor visualização que:

[...] o ministro do interior irá comparar Alex a um cristão, disposto a ser crucificado ao invés de crucificar, exatamente no papel oposto daquele que vimos o protagonista

desempenhar enquanto lia a Bíblia. “Queremos que você nos veja como amigos”. “Como vê, estamos cuidando dos seus interesses”. “Estamos interessados em você.” O Estado está se aliando à violência, a mesma que vimos nas cenas iniciais do filme. A sensação de intimidade é ainda maior pela forma como Alex e o ministro se tratam mutuamente, pelo primeiro nome (Saçashima, 2007, p. 104-105).

A partir da citação colacionada acima, resta evidente que o personagem Alex foi usado pelo Ministro do Interior como uma espécie de fantoche para o Estado, ou seja, uma cobaia para propostas políticas de Estado. Desse modo, o personagem é abarrotado por uma luta política entre dois partidos como um objeto a ser apresentado em campanha eleitoral do Ministro do Interior, a fim de a sociedade entender que existe o problema da infração juvenil, mas, ao mesmo tempo, o proponente do método encontra-se com a solução “em mãos”, no caso o método Ludovico, criado e testado em Alex (Leal, 2013).

Diante do narrado na obra literária “Laranja Mecânica”, não há o que se pensar sobre a existência de um criminoso nato, embora muitas pessoas acreditem que existam pessoas predestinadas às práticas criminosas, aos modos lombrosiano (Leal, 2013).

Dessa forma, historicamente, o que existe mesmo é um embate de forças de classes sociais, em que uma quer sempre dominar a outra de várias formas e setores sociais, conforme ensina Foucault (2004, p. 240):

Não há então natureza criminosa, mas jogos de força que, segundo a classe a que pertencem os indivíduos, os conduzirão ao poder ou a prisão: pobres, os magistrados de hoje sem dúvida povoariam os campos de trabalhos forçados: e os forçados, se fossem bem nascidos, "tomariam assento nos tribunais e aí distribuiriam justiça".

Por fim, é possível compreender a mensagem crítica de Burgess em Laranja Mecânica enquanto uma falsa mudança, devido ao fato de a violência existir em todas as classes sociais e faixas etárias de modo atemporal. Portanto, “[...] a humanidade não representa um desenvolvimento para melhor ou mais forte ou mais elevado, do modo como hoje se acredita. O “progresso” é apenas uma ideia moderna, ou seja, uma ideia errada” (Nietzsche, 2007, p. 11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse estudo observou-se que com as mudanças de tempos na Inglaterra na década de 70, principalmente com o pós-guerra, cresceu o número de intolerância por parte de muitos cidadãos e cidadãs acerca dos adolescentes e/ou jovens de classes operárias que se reuniam em grupos com estilos de roupas, linguajar e bebidas alcoólicas semelhantes entre si, Revista Jurídica Direito & Realidade, v.11, n.15, p. 124-139/2023

o que, resultava, algumas vezes, em práticas contrárias às leis e ao “bom e velho” costume que o Estado e sociedade conservadora exigiam na época.

O Estado, oportunista, por meio do Ministro do Interior, usou esse confronto de atuações com o intuito de impor medo na população e exercer controle sobre os corpos a partir da fixação de crença na violência oriunda apenas de adolescentes que se encontravam, fisiologicamente, na fase rebelde. O que, de fato, não procede, pois os idosos que tanto reclamavam da juventude “delinquente” também praticavam violência, assim como o próprio Estado por meio de seus agentes, sejam da segurança pública e até mesmo os políticos com a criação do método Ludovico.

A partir da adoção da metodologia de revisão bibliográfica e histórico-cultural foi possível entender que a fase da adolescência é, na maioria das vezes, repleta de reivindicações no que tange à independência e rebeldia. Fase esta em que alguns sujeitos se sentem imortais e irracionais, seguindo os próprios instintos, sem qualquer tipo de freio moral ou social. Entretanto, de acordo com a obra, referida fase é superada, como é bem visto na parte final do livro *Laranja Mecânica*, com a maioria, após o casamento e em decorrência dos anseios quanto ao exercício da paternidade.

Evidencia-se que este artigo procurou apenas fazer breves discussões acerca da criminalidade entabulada na obra “*Laranja Mecânica*” em seus diversos setores, como o da família, adolescência/juventude, Estado, políticos, população de modo geral, policiais etc., sendo necessário, para compreender a real crítica que Burgess deseja, considerar o período histórico vivenciado pela Inglaterra quanto à (ultra)violência na juventude.

Ao cabo, sugere-se que estudos posteriores, especialmente aqueles aplicados, possam se interessar por essa temática, introduzindo o conhecimento da criminologia na adolescência como ferramenta a ser estudada e relacionada com o uso de drogas (i)lícitas na fase da procura pela independência familiar. Indica-se, ainda, a investigação acerca da necessidade de planejamento de políticas públicas para esse fim específico, tendo em vista que muitos adolescentes adentram ao mundo das substâncias (i)lícitas por diversos fatores sociais e psíquicos, o que reverbera no estudo e práxis da criminologia.

REFERÊNCIAS

BURGESS, Anthony. **Laranja Mecânica**. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2004.

CAPELLER, Ivan. **Kubrick com Foucault ou O Desvio do Panoptismo**. 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36734>. Acesso em: 12 ago. 2022.
Revista Jurídica Direito & Realidade, v.11, n.15, p.124-139/2023

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEAL, Julie Christie Damasceno. **Literatura e cinema: a dupla leitura de laranja mecânica de Anthony Burgess**. 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2368.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

MENEZES, Paulo. **Imagens da Violação**. In: À Meia-luz – Cinema e Sexualidade nos anos 70. São Paulo: Editora 34, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo e Dítirambos de Dionísio**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

PEREIRA, Aline Lima. **Crise na temporalidade moderna: a distopia em laranja mecânica (1962) e 1985 (1978) e a consciência histórica pós-moderna**. 2019. 118 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de História Social, Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019. Cap. 2. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11222>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SAÇASHIMA, Edilson Atsuo. **A Questão da “Violência” no Cinema de Stanley Kubrick: análise dos filmes laranja mecânica, barry lyndon e o iluminado**. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Dissertação em Sociologia, Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Cap. 4. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-03062008-151100/pt-br.php>. Acesso em: 12 ago. 2022.

XEREZ, Rafael Marcílio; CAVALCANTI, Marcos Ricardo Herszon. **Laranja mecânica: uma reflexão sobre a autonomia da vontade e o poder sancionador do estado**. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/33025>. Acesso em: 13 ago. 2022.